

Julia Quinn
Kinley MacGregor
Lisa Kleypas

O herói que faltava



O herói que faltava

Título original: *Where's my Hero?*

Copyright do conto *Improvável* © 2003 por Lisa Kleypas
Copyright do conto *Sonho de um cavaleiro de verão* © 2003 por Sherrilyn Kenyon
Copyright do conto *Um conto de duas irmãs* © 2003 por Julie Cotler Pottinger
Copyright da tradução © 2021 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.
Publicado mediante acordo com a Harper Collins Publishers.

tradução: Alessandra Esteche
preparo de originais: Sheila Til
revisão: Suelen Lopes e Tereza da Rocha
diagramação: Ana Paula Daudt Brandão
capa: Raul Fernandes
imagem de capa: © Lee Avison / Trevillion Images
impressão e acabamento: Cromosete Gráfica e Editora Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Q64h

Quinn, Julia, 1970-

O herói que faltava / Julia Quinn, Kinley MacGregor,
Lisa Kleypas ; [tradução Alessandra Esteche]. - 1. ed. - São Paulo :
Arqueiro, 2021.

224 p. ; 23 cm.

Tradução de: *Where's my hero?*
"Coletânea de contos"

ISBN 978-65-5565-212-3

1. Ficção americana. I. MacGregor, Kinley. II. Kleypas, Lisa.
III. Esteche, Alessandra. IV. Título.

21-72333

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

SUMÁRIO

IMPROVÁVEL

Lisa Kleypas

7

G

SONHO DE UM CAVALEIRO DE VERÃO

Kinley MacGregor

63

G

UM CONTO DE DUAS IRMÃS

Julia Quinn

137

G

PRÓLOGO

Se algum dia existiu um homem que sabia beber, esse homem era Jake Linley. Era algo que ele praticava bastante – ainda bem, caso contrário estaria completamente bêbado no momento. Para a infelicidade de Jake, porém, por mais que ele bebesse naquela noite, o álcool não seria capaz de anestesiar a amargura de admitir que algo que desejava tanto jamais seria seu.

Jake estava cansado e com calor, e seu ressentimento cáustico parecia aumentar a cada instante que ele passava na caverna luxuosa e lotada que era aquele salão de baile. Afastou-se de um grupo de amigos e, olhando para o céu escuro e frio além de uma fileira de janelas reluzentes, vagou até uma galeria que margeava o salão.

No fim da galeria estava Robert, lorde Wray, cercado por uma multidão sorridente de amigos e simpatizantes, todos parabenizando-o pelo noivado anunciado uma hora antes.

Jake sempre gostara de Wray, um sujeito bastante agradável cuja combinação de inteligência e sagacidade educada fazia com que fosse bem-vindo em qualquer grupo. No entanto, naquele momento específico, o desprezo serpenteou pelo corpo de Jake ao avistar o homem.

Ele invejava Wray, que não fazia ideia da sorte que tinha ao conquistar a mão da Srta. Lydia Craven. Já diziam que o casamento seria mais vantajoso para a Srta. Craven do que para Wray, que a posição social dela melhoraria muito quando sua fortuna se unisse a um título respeitado. Jake sabia que não era verdade. Lydia era o verdadeiro prêmio, apesar da origem simples de sua família.

Ela não possuía uma beleza convencional – tinha o cabelo preto e a boca larga do pai e um queixo que era quase delineado demais. Sua silhueta esguia e de seios pequenos fugia do padrão voluptuoso da época. Contudo, havia algo irresistível naquela mulher – talvez a distração encantadora que fazia com que os homens quisessem cuidar dela, ou o intrigante toque de graciosidade que espreitava por trás de sua aparência pensativa. E, é claro, seus olhos... olhos verdes exóticos que pareciam deslocados em um rosto tão doce e erudito.

Com um suspiro noturno, Jake deixou a galeria abafada e saiu para a noite fresca de primavera. O ar estava úmido e fecundo, carregado com o

aroma de rosas-damascenas que brotavam nos jardins cultivados em vários níveis no terreno inclinado.

O caminho largo de pedras se estendia por uma série de canteiros estreitos cheios de gerânios e uma névoa espessa de matricárias brancas. Jake vagou sem destino quase até o fim do caminho, onde uma curva suave o guiou a degraus de pedra que levavam aos jardins inferiores.

Parou de repente ao ver uma mulher sentada em um dos bancos. Estava meio de costas, curvada sobre algo que segurava no colo. Por ser veterano dos bailes e saraus de Londres, a primeira suposição de Jake foi que a mulher esperava o amante para um encontro furtivo. No entanto, ele ficou estupefato no instante em que percebeu a seda escura do cabelo e as linhas bem-definidas do rosto dela.

Lydia, pensou, olhando para a mulher com avidez. O que ela fazia ali fora sozinha, pouco depois do anúncio de seu noivado?

Embora ele não tivesse feito barulho, Lydia levantou a cabeça e o observou com nítida falta de entusiasmo:

– Dr. Linley.

Ao chegar mais perto, Jake viu que o objeto em seu colo era um pequeno maço de anotações, que ela rabiscava com um toco de lápis quebrado. Equações matemáticas, ele supôs. A obsessão de Lydia Craven por assuntos como matemática e ciência era alvo de fofocas havia anos. Embora amigos bem-intencionados tivessem aconselhado os Cravens a dissuadi-la de interesses tão pouco ortodoxos, a família fazia o contrário, orgulhosa da inteligência da filha.

Lydia enfiou os objetos na bolsa com alguma pressa e lhe lançou um olhar carrancudo.

– Não deveria estar lá dentro com seu noivo? – perguntou Jake, em um tom de leve gozação.

– Eu queria alguns minutos de privacidade.

Ela se endireitou, e as sombras brincaram suavemente nas linhas elegantes de seu corpo e na seda branca modelada de seu corpete. Sua expressão mal-humorada era tão destoante da imagem de uma noiva com brilho nos olhos que Jake não conseguiu conter um sorriso repentino.

– Wray não sabe que a senhorita está aqui fora, não é?

– Ninguém sabe, e eu agradeço se continuar assim. Se o senhor puder sair, por gentileza...

– Não antes de lhe dar meus parabéns.

Jake se aproximou devagar, e seus batimentos cardíacos alcançaram um ritmo rápido e forte. Como sempre, estar perto dela o deixava agitado, fazendo com que sua circulação acelerasse e enviando mensagens frenéticas a seus nervos.

– Muito bem, Srta. Craven... Consegui um conde, e um muito rico. Imagino que não exista conquista maior para uma jovem em sua posição.

Lydia revirou os olhos.

– Só o senhor seria capaz de fazer com que felicitações soassem ofensivas, Dr. Linley.

– Eu garanto que meus votos são sinceros.

Jake olhou para o espaço vazio ao lado dela.

– Permite? – perguntou, mas sentou antes que ela pudesse recusar.

Eles se estudaram atentamente, sustentando o olhar como em um desafio.

– O senhor andou bebendo – declarou Lydia ao sentir o hálito de conhaque.

– Sim.

A voz dele engrossara um pouco.

– Brindei à senhorita e ao seu noivo. Várias vezes.

– Agradeço o entusiasmo pelo meu noivado – disse Lydia com doçura.

Ela fez uma pausa com um timing impecável e então acrescentou:

– Ou seria entusiasmo pelo conhaque de meu pai?

Ele deu uma risada áspera.

– Seu noivado com Wray, é claro. Aquece meu coração cínico testemunhar a devoção ardente que demonstram um pelo outro.

O deboche trouxe um rubor de irritação ao rosto dela. Lydia e o conde não eram um casal de muitas demonstrações de afeto. Não havia olhares íntimos, nenhum toque aparentemente acidental de seus dedos, nada que indicasse o menor envolvimento físico entre eles.

– Lorde Wray e eu nos gostamos e nos respeitamos – falou Lydia, na defensiva. – É uma base excelente para um casamento.

– E a paixão?

Ela deu de ombros e tentou soar sofisticada.

– Como dizem, a paixão é passageira.

A boca de Jake se contorceu com impaciência.

– Como a senhorita sabe? Nunca sentiu um instante de paixão verdadeira na vida.

– Por que diz isso?

– Porque, se tivesse sentido, não estaria prestes a entrar em um casamento tão convidativo quanto as sobras pouco apetitosas de uma refeição da véspera.

– Sua avaliação do meu relacionamento com lordes Wray é totalmente equivocada. Ele e eu nos desejamos muito, se quer saber.

– A senhorita não sabe o que está falando.

– Ah, sei, sim! Mas me recuso a divulgar detalhes de minha vida íntima apenas para provar que o senhor está errado.

Enquanto encarava Lydia, o corpo de Jake foi inundado pelo desejo. Não conseguia acreditar no desperdício de um casamento dela com um homem tão civilizado e impassível como Wray. Ele deixou que seu olhar descesse até a boca de Lydia, os lábios macios e expressivos que o tentavam e atormentavam havia anos.

Jake estendeu as mãos até os braços dela, a pele quente e delicada sob a camada de seda. Não conseguiu se conter – tinha que tocá-la. Seus dedos deslizaram para cima devagar, saboreando aquela sensação.

– A senhorita permitiu que ele a beijasse, imagino. O que mais?

Lydia respirou fundo, seus ombros ao mesmo tempo leves e tensos nas mãos dele.

– Como se eu fosse responder a uma pergunta dessas – retrucou ela, hesitante.

– Provavelmente não fizeram muito mais do que isso. A mulher ganha um ar diferente ao ser despertada para a paixão. E a senhorita não tem isso.

Desde que a conheceu, quatro anos antes, Jake raramente a tocara. O contato ocorrera apenas em ocasiões de cortesia obrigatória, como ao ajudá-la a caminhar por um terreno acidentado, ou ao trocarem de parceiros durante uma dança. Mesmo nesses momentos, era impossível ignorar as sensações que ela despertava.

Ao fitar seus olhos verdes nublados, Jake disse a si mesmo que ela pertencia a outro e se repreendeu por desejá-la. Seu corpo, porém, se enrijecia de desejo e qualquer pensamento racional se dissolvia em um redemoinho de calor. Ele vislumbrou uma vida inteira de noites sem ela, de beijos que nunca trocariam, de palavras que nunca poderiam ser ditas. No grande esquema das coisas, os momentos seguintes não importariam para mais ninguém além dele. Ele merecia receber ao menos isso dela – um instante pelo qual pagara com anos de desejo não atendido.

Quando falou, sua voz saiu baixa e trêmula.

– Talvez eu devesse lhe fazer um favor, Lydia. Se vai se casar com um homem frio como Wray, a senhorita deveria pelo menos conhecer a sensação do desejo.

– O quê? – questionou ela com a voz fraca e o olhar perplexo.

Jake sabia que era um erro, mas não deu a mínima. Abaixou a cabeça e levou seus lábios aos dela, um toque suave, o corpo inteiro tremendo no esforço de ser gentil. A boca de Lydia era delicada e doce, e a pele de seu queixo, um tecido fino ao toque das pontas dos dedos dele. Saborear um pouco dela o levou a querer mais, e a pressão de sua boca se intensificou.

As mãos de Lydia pousaram em seu peito. Ele sentiu nela a indecisão, a surpresa com a reverência do gesto dele. Jake pegou os pulsos dela com cuidado e os colocou em volta de seu pescoço. Sua língua buscou as profundezas quentes e sedosas da boca de Lydia, e o leve toque trouxe um prazer infinito. Ele queria preenchê-la de todas as formas possíveis, afundar nela até encontrar o alívio pelo qual ansiava havia tanto tempo.

A reação impotente de Lydia destruiu o que restava do autocontrole de Jake. Ela se apoiou nele com firmeza, deslizando uma das mãos esguias por sob o casaco dele para encontrar o calor contido pelas camadas de roupa.

O toque dela deixou Jake excitado além do que ele era capaz de suportar, à beira da insanidade, e ele percebeu, incrédulo, que não seria necessário muito mais do que aquilo para chegar ao clímax. Seu corpo estava todo contraído e rígido, suas veias pulsavam com o desejo não consumado.

O esforço de se obrigar a soltar Lydia provocou um gemido nele, mesmo com os dentes firmemente cerrados. Jake afastou os lábios dos dela, respirando com dificuldade enquanto se esforçava para ter autocontrole. Ele pensou com ironia que, mesmo com toda a sua experiência, nunca se sentira tão envolvido por um simples beijo... e de uma virgem, ora essa.

Levantando com dificuldade, Lydia puxou o vestido e ajustou a saia, e o ar frio da noite a fez estremecer.

– Isso foi bastante instrutivo, Linley – consegui dizer depois de um tempo, quase sem ar, olhando para o outro lado. – Mas, de agora em diante, não vou precisar de aulas suas.

Ela se afastou com passos impetuosos, como se fizesse esforço para não sair correndo.

CAPÍTULO 1

Havia duas maneiras de escolher um marido: com a cabeça ou com o coração. Por ser uma jovem sensata, Lydia Craven naturalmente escolhera com a cabeça. Isso não significava que ela não gostasse do futuro marido. Na verdade, gostava muito de lorde Wray. Robert era gentil e agradável, com um charme discreto que nunca era irritante. Tinha uma beleza acessível, traços refinados que proporcionavam a moldura perfeita para um par de olhos azuis inteligentes e um sorriso que ele oferecia com alguma cautela.

Lydia não tinha dúvida de que Wray jamais se oporia a seu trabalho. Verdade seja dita, ele compartilhava de seu interesse por matemática e ciência. Além disso, combinava com sua família – uma família nada convencional e muito unida, que fora abençoada com uma grande riqueza, mas tinha uma linhagem nada distinta. Era um ponto a favor de Wray o fato de ele ignorar com tanta facilidade seus ancestrais infames, mas, ao mesmo tempo, Lydia refletia amargamente, um dote de 100 mil libras parecia um tempero saboroso até mesmo para o mais simples dos pratos. Desde que fora apresentada à sociedade dois anos antes, aos 18, Lydia vinha sendo perseguida por uma legião de caça-dotes. No entanto, sendo um nobre que também possuía uma herança considerável, Wray não precisava do dinheiro de Lydia – mais um ponto a seu favor.

Todos aprovavam a união, inclusive o pai superprotetor de Lydia. A única objeção moderada vinha da mãe, Sara, que parecia levemente incomodada com sua determinação em se casar com Wray.

– O conde parece ser um homem bom e honrado – disse Sara enquanto caminhava com Lydia pelos jardins da propriedade dos Cravens em Herefordshire. – Se foi ele que seu coração escolheu, eu diria que você fez uma boa escolha...

– Mas... – instigou Lydia.

Sara olhava, pensativa, para a rica plantação de botões-de-ouro e íris amarelas que margeava o belo caminho pavimentado com tijolos. Era um dia quente de primavera e o céu azul-claro estava salpicado de nuvens felpudas.

– As virtudes de lorde Wray são indiscutíveis – afirmou Sara. – No entanto, ele não é o tipo de homem com quem imaginei que você se casaria.

– Mas lorde Wray e eu somos tão parecidos – protestou Lydia. – Para começar, ele é o único homem que conheço que se deu o trabalho de ler meu artigo sobre geometria multidimensional.

– E deve ser aplaudido por isso – respondeu de pronto e com ironia a mãe, os olhos azuis brilhando de diversão.

Embora Sara fosse uma mulher inteligente por seus próprios méritos, ela admitia abertamente que o raciocínio matemático avançado da filha estava muito além de sua compreensão.

– No entanto, eu esperava que um dia você encontrasse um homem que conseguisse equilibrar sua natureza com um pouco mais de calor e irreverência do que lorde Wray parece ter. Você é uma jovem tão séria, minha querida Lydia.

– Não sou *tão* séria assim – protestou ela.

Sara sorriu.

– Quando você era criança, eu tentava em vão convencê-la a pintar quadros de árvores e flores, mas você insistia em traçar linhas para demonstrar a diferença entre ângulos obtusos e retos. Quando brincávamos com blocos e eu começava a erguer casas e cidades, você me mostrava como construir uma pirâmide diédrica...

– Está bem, está bem – resmungou Lydia com um sorriso relutante. – Mas isso só serve para demonstrar por que lorde Wray é perfeito para mim. Ele ama máquinas, física e matemática. Aliás, estamos considerando escrever juntos um artigo sobre a possibilidade de veículos serem movidos a propulsão atmosférica. Sem precisar de cavalos!

– Fascinante – comentou Sara vagamente, conduzindo Lydia para longe do caminho pavimentado e indo em direção a um prado de flores silvestres que se estendia além de uma série de árvores frutíferas.

Quando Sara ergueu a saia até o tornozelo e caminhou por entre o tapete espesso de violetas e narcisos brancos, com o sol brilhando em seus cabelos castanhos, ela pareceu jovem demais para seus 45 anos. Parou para pegar um punhado de violetas e inalar o forte perfume. Seus olhos azuis curiosos contemplaram Lydia por sobre as flores reluzentes.

– E em meio a todas essas conversas sobre máquinas e matemática, lorde Wray já beijou você?

Lydia riu da pergunta.

– Não se deve fazer esse tipo de pergunta a uma filha.

– Bem, ele beijou?

Na verdade, Wray beijara Lydia várias vezes, e ela gostara. Sua experiência era limitada, claro, e ela não tinha com o que comparar aqueles beijos, exceto...

De repente a imagem de Jake Linley surgiu em sua mente, a cabeça louro-escura curvada sobre a dela, o fogo doce e sombrio de seu beijo, o prazer de suas mãos no corpo dela...

Lydia afastou esse pensamento na hora, como fizera mil vezes antes. Aquela noite era um erro que precisava esquecer. Linley estava apenas brincando com ela, e o beijo não passara de uma zombaria alimentada pelo excesso de conhaque. Lydia não encontrara Linley nem uma vez em três meses desde aquela noite, e quando o visse de novo fingiria ter esquecido o episódio.

– Sim – admitiu para a mãe. – O conde me beijou e foi muito agradável.

– Fico feliz por ouvir isso.

Sara deixou que as violetas se derramassem de seus dedos em uma chuva vibrante de pétalas. Esfregou atrás das orelhas as pontas perfumadas dos dedos e lançou um olhar levemente malicioso a Lydia.

– Eu não gostaria que seu casamento fosse baseado em racionalidade. Existem muitas alegrias a serem descobertas nos braços de um marido, se for o homem certo.

Lydia mal sabia como responder. De repente sentiu o calor se acumular em suas bochechas e nas pontas das orelhas. Embora Sara fosse discreta com tais assuntos, era óbvio que os pais de Lydia eram um casal apaixonado. Às vezes o pai fazia algum comentário insinuante à mesa do café da manhã e Sara engasgava com o chá. Em outras ocasiões, a porta do quarto era inexplicavelmente trancada no meio do dia. E havia também os olhares íntimos que o pai lançava à mãe, ao mesmo tempo pervertidos e carinhosos. Lydia era obrigada a admitir que Wray nunca olhara para ela daquela maneira. No entanto, poucas pessoas experimentavam o tipo de amor que seus pais compartilhavam.

– Mamãe, eu sei o que a senhora quer – disse Lydia com um suspiro pesaroso. – A senhora deseja que todos os filhos encontrem o amor verdadeiro, como a senhora e o papai. Mas a probabilidade de isso acontecer comigo é aproximadamente uma em quatrocentas mil.

Acostumada ao hábito da filha de traduzir tudo em algarismos, Sara sorriu.

– Como você chegou a esse número?

– Comecei com os homens disponíveis na Inglaterra e estimei quantos deles seriam adequados para mim em termos de idade, estado de saúde e assim por diante. Então avaliei a quantidade de resultados possíveis caso encontrasse cada um deles, observando uma amostra aleatória de conhecidos nossos que são casados. Pelo menos metade caiu na indiferença, um terço se separou por morte ou adultério e os que restaram estão satisfeitos, mas não são o que chamaríamos de almas gêmeas. De acordo com meus cálculos, a chance de encontrar o amor verdadeiro, comparada ao número total de resultados possíveis ao se procurar um marido, é uma em quatrocentas mil. Com uma probabilidade dessas, é muito melhor eu me casar com alguém como lorde Wray do que esperar por um raio que pode nunca cair.

– Meu Deus! – exclamou Sara, claramente estarrecida. – Lydia, eu não sei como uma filha minha pode ser tão cética.

Lydia deu um sorriso.

– Não sou cética, mamãe. Apenas realista. E puxei ao papai.

– Parece que sim – disse Sara, erguendo o olhar para o céu como em súplica a alguma divindade desatenta. – Querida, lorde Wray já disse que a ama?

– Não, mas isso pode acontecer com o tempo.

– Hum – fez a mãe, que a encarava desconfiada.

– E, se não acontecer, vou ter todo o tempo que desejo para meus estudos matemáticos – acrescentou Lydia, animada.

Ao ver como a mãe parecia aflita com sua irreverência, Lydia foi até ela e a abraçou.

– Mamãe, não se preocupe – disse junto ao cabelo cheirando a flores da mãe. – Vai ficar tudo bem. Eu vou ser muito, muito feliz com lorde Wray. Prometo.

y

Sara mergulhou em uma banheira grande de louça na esperança de que a água fumegante ajudasse a aliviar a tensão em seus ombros e suas costas. O banheiro de ladrilhos era iluminado por uma única lamparina, e a chama suave reluzia levemente através do globo de vidro decorado. Ela suspirou e descansou a cabeça na borda de mogno da banheira, pensando no que fazer quanto a Lydia. Seus outros filhos, Nicholas, Ash, Harry e Daisy, estavam sempre metidos em alguma confusão e usando o charme para se livrar

dos problemas. Lydia, por sua vez, era responsável, intelectual e controlada, e tinha uma aptidão para os números que se equiparava à do pai.

Desde sua apresentação à sociedade, havia dois anos, Lydia mantinha os pretendentes distantes, com uma cordialidade e uma reserva que levavam muitos jovens decepcionados a declarar que ela tinha um coração de gelo. Isso estava longe de ser verdade. Lydia era uma garota calorosa e afetuosa que guardava uma paixão profunda, mas precisava do homem certo para despertá-la. Infelizmente, lorde Wray não era esse homem. Mesmo depois de seis meses de corte, ele e Lydia não mostravam sinais de que tinham se apaixonado. Para Sara, a relação amigável deles parecia mais de irmãos do que de amantes. Porém, se Lydia estava satisfeita com o acordo – e ela parecia estar –, era certo fazer objeções? Quando jovem, Sara tivera a liberdade de escolher o marido e sua escolha não fora convencional. Lydia merecia a mesma chance.

Ao se lembrar da época de seu namoro com Derek Craven, Sara afundou um pouco mais na água, empurrando preguiçosamente com os dedos dos pés a espuma de um lado para outro. Na época, Derek era dono da casa de apostas mais famosa da Inglaterra e ganhava uma fortuna explorando a ganância de seus clientes aristocratas. Quando Sara o conheceu, ele já era uma figura lendária, um ex-pobretão que se tornara o homem mais rico de Londres. Ninguém, muito menos o próprio Derek, diria que ele seria um par possível para uma jovem tão ingênua quanto Sara. No entanto, a atração entre os dois fora irresistível, e eles se viram apaixonados demais um pelo outro para fazer qualquer outra escolha.

Era isso que a incomodava em relação a Lydia e lorde Wray, percebeu Sara. Tinha a sensação de que o relacionamento sempre se manteria em um nível seguro e morno. Sara sabia muito bem que, nas classes mais abastadas, casar-se por amor era considerado algo provinciano. No entanto, ela vinha do interior, fora criada e educada com carinho por pais que se amavam. Quando jovem, também desejara encontrar isso e, como mãe, certamente não queria menos para os filhos.

Sara estava tão concentrada em seus pensamentos que não percebeu que alguém entrara no banheiro. Assustou-se ao ver um colete voando de repente em direção à cadeira de madeira no canto, seguido de perto por uma gravata de seda escura. Quando ameaçou se sentar, braços musculosos a envolveram por trás e ela sentiu a boca macia do marido em sua orelha. Devagar, ele a trouxe de volta à louça quente da banheira.

– Senti sua falta, meu anjo – sussurrou ele.

Sorrindo, Sara relaxou o corpo no dele e brincou com as pontas das mangas arregaçadas de sua camisa. Derek tinha passado os últimos três dias em Londres negociando um acordo entre sua empresa de telégrafo e a ferrovia South Western para a instalação de novas linhas de comunicação ao longo dos trilhos. Embora ela tivesse se mantido ocupada em sua ausência, os dias – e as noites – pareceram longos demais.

– Está atrasado – provocou ela num tom de flerte. – Eu esperava que você voltasse para o jantar. Perdeu um peixe maravilhoso.

– Vou ter que jantar você, então.

As mãos grandes dele mergulharam na água.

Rindo, Sara se virou de frente para ele e sua boca foi capturada por um beijo ardente que alterou sua respiração e impôs a seus batimentos cardíacos um ritmo novo e urgente. Seus dedos agarraram os ombros dele, marcando a camisa com a água. Quando seus lábios se afastaram, um breve suspiro escapou de sua boca, e ela forçou a vista para observar o verde intenso dos olhos de Derek. Sara era casada com ele fazia mais de vinte anos, mas aquele olhar vibrante e audacioso ainda era infalível em fazer com que seus sentidos saltassem de empolgação e prazer.

Derek segurou o rosto da esposa, alisando com o polegar as gotas de água em sua bochecha reluzente. Ele era um homem grande, de cabelos pretos, com uma cicatriz na testa que dava um ar agradável de robustez a seu belo rosto. O passar dos anos lhe impusera poucas mudanças, tecendo apenas alguns fios prateados em suas têmporas. E, como sempre, ele mantinha um charme diabólico, que com frequência induzia as pessoas a esquecerem a natureza predatória que espreitava sob sua aparência elegante.

O olhar de alerta de Derek estudou o rosto dela.

– O que foi? – perguntou ele, sensível a cada nuance de sua expressão.

– Nada, na verdade. É que...

Sara fez uma pausa e aninhou o rosto em sua mão quente.

– Conversei com Lydia enquanto você viajava. Ela admitiu que não está apaixonada por lorde Wray... e está determinada a se casar com ele mesmo assim.

– Por quê?

– Lydia decidiu que provavelmente nunca encontrará sua alma gêmea, portanto deve escolher um marido com base em considerações práticas. Ela afirma que as chances de alguém encontrar o amor verdadeiro são insignificantes.

– Ela deve ter razão – comentou Derek.

Afastando-se dele, Sara franziu a testa.

– Quer dizer que você não espera que nossos filhos sejam tão felizes no casamento quanto nós?

– Não desejo nada menos que isso para cada um deles. Mas não, não tenho expectativa de que necessariamente encontrem o amor verdadeiro.

– Não?

– Um homem ou uma mulher pode passar a vida inteira à procura da alma gêmea sem nunca encontrá-la. Na minha opinião, Lydia é esperta por fazer uma escolha nobre, como Wray, em vez de esperar até que as melhores opções acabem. Deus me livre que meu neto seja fruto de um caçador de fortunas.

– Ah, meu Deus! – exclamou Sara, contendo a risada. – Entre você e Lydia, não sei quem é mais irritante. E a esperança, o romance e a magia? Algumas coisas não podem ser explicadas pela ciência nem medidas com cálculos matemáticos.

Estendendo a mão, ela brincou com os pelos escuros que a gola aberta da camisa dele revelava.

– Eu esperei pelo *meu* amor verdadeiro, e veja só o que consegui – provocou ela.

Deslizando a mão pela nuca da esposa, Derek puxou seu rosto para mais perto do dele.

– Consegui vinte anos de casamento com um homem libidinoso implacável que não consegue tirar as mãos de você.

A respiração dela foi entrecortada pelo riso.

– Aprendi a viver com isso.

A boca dele deslizou até o vão macio atrás da orelha dela enquanto seus dedos percorriam seus ombros molhados.

– Diga o que quer que eu faça a respeito de Lydia – falou ele com a boca tocando sua pele.

Sara balançou a cabeça e suspirou.

– Não há o que fazer. Lydia tomou uma decisão, e é difícil criticar sua escolha. Agora acho que devo deixar tudo nas mãos do destino.

Ela sentiu Derek sorrir em seu pescoço.

– Não há nada de errado em dar um empurrãozinho no destino para que ele siga na direção certa. Se a oportunidade surgir.

– Hum.

Pensando em várias possibilidades, Sara pegou um punhado de espuma e o esfregou nas mãos.

Derek se levantou, desabotoou a camisa e a deixou cair no chão, revelando o torso definido, forte e musculoso e o peito de pelos densos. Seu olhar quente deslizou pelo corpo dela na água.

– Você ainda não terminou o banho?

– Não.

Sara sorriu, provocante, passando a mão ensaboada ao longo da perna.

As mãos dele se dirigiram ao fecho da calça.

– Então é bom que se prepare para ter companhia – disse, num tom de voz que a fez vibrar.

CAPÍTULO 2

Em dois dias Lydia se tornaria lady Wray. A semana de comemorações já tinha começado na propriedade Craven, com saraus noturnos, bailes e jantares fartos. No domingo, as festividades seriam encerradas com uma cerimônia na capela da família. Convidados de toda a Inglaterra e do continente haviam chegado, e agora cada casa, cada chalé de hóspedes e cada hospedaria de Herefordshire estavam com lotação máxima. Os vinte quartos de hóspedes da mansão Craven estavam ocupados, e criados dos visitantes se aglomeravam no pavimento mais baixo como abelhas em uma colmeia.

Lydia sentia que todas as perguntas dirigidas a ela nos últimos dias giravam em torno de seus nervos, pois a expectativa geral era de que uma jovem respeitável estivesse sofrendo incontáveis ataques de agitação nupcial. Infelizmente, Lydia se sentia bastante calma – declaração que parecia perturbar qualquer um que a ouvisse. Imaginando que sua compostura poderia refletir algum aspecto negativo em lorde Wray, Lydia tentara desenvolver um vislumbre de ansiedade, um arrepio, um tremor, uma contração – tudo em vão.

O problema era que se casar com lorde Wray era uma decisão tão sensata que Lydia não via razão para ficar nervosa. Ela nem sequer estava preocupada com a noite de núpcias, pois a mãe tinha lhe explicado tudo minuciosamente, de modo que não restava qualquer mistério temeroso. E, se Wray provasse ser tão hábil em fazer amor quanto era em beijar, Lydia esperava gostar bastante da experiência.

A única coisa que a incomodava era todo aquele entretenimento infernal. Ela estava acostumada com dias de tranquilidade, durante os quais podia pensar e calcular tanto quanto desejasse. Agora, depois de aproximadamente 120 horas de banquetes, brindes, conversas, risadas e danças intermináveis, Lydia se sentia muito cansada. Sua cabeça fervilhava de ideias que não tinham nada a ver com romance e casamento. Ela queria que os festejos acabassem logo para poder trabalhar em seu projeto mais recente.

– Lydia – ralhou Wray, divertido, ao interromper suas tentativas furtivas de registrar algumas anotações durante um enorme sarau na sexta.
– Está trabalhando em suas fórmulas, não está?

Culpada, Lydia enfiou um pedaço de papel e um toco de lápis na bolsinha de seda com franjas que pendia de seu pulso. Então olhou para Wray, cuja forma esguia se elevava sobre a dela. Como sempre, sua aparência era imaculada. O cabelo macio e escuro brilhava com uma fina camada de pomada, seu terno era feito sob medida com precisão e o nó de sua gravata de seda estava perfeitamente centralizado.

– Desculpe – disse Lydia com um sorriso tímido. – É que acabei de ter uma ideia muito interessante sobre a máquina de análise de probabilidades...

– Isto é um sarau – lembrou ele, girando o dedo em um gesto brincalhão. – É para dançar. Ou fofocar. Ou ficar em volta da mesa de bebidas. Vê todas aquelas jovens se divertindo? É isso que você deveria estar fazendo.

Lydia soltou um suspiro mal-humorado.

– Eu fiz tudo isso durante duas horas, e faltam pelo menos mais quatro até que a noite acabe. Já tive a mesma conversa com dez pessoas diferentes e estou cansada de falar sobre o tempo ou meus nervos.

Wray sorriu.

– Se vai ser uma condessa, é melhor se acostumar. Sendo recém-casados, vamos confraternizar com muitas pessoas quando a temporada de eventos sociais começar.

– Mal posso esperar – disse Lydia.

Ele riu.

– Venha caminhar comigo – convidou lorde Wray.

Lydia deu o braço ao noivo e o acompanhou em uma caminhada tranquila pelo circuito de salas de entretenimento. Aonde quer que fossem, eram recebidos com sorrisos de aprovação e murmúrios de parabéns. Lydia sabia que eles formavam um casal bonito, ambos esbeltos e de cabelos escuros. Era óbvio que Wray se destacava como um homem de atividades acadêmicas, com sua pele clara, sua testa nobre e suas mãos bem-cuidadas. Não havia nada que ele amasse mais que conversas longas e complexas a respeito de uma variedade de assuntos. Era convidado com frequência para jantares, em que entretinha todos à mesa com a mistura perfeita de sagacidade e erudição. Suas inclinações acadêmicas eram amplamente aprovadas, pois um cavalheiro podia seguir seus interesses desde que se dedicasse a eles por mero prazer e não buscasse ganhar dinheiro com isso.

Os dois pararam para conversar com um grupo de amigos, e Lydia deu um sorriso pesaroso ao perceber todos os sinais de que Wray se prepara-

va para um longo debate. Usando o leque de seda, ela ficou na ponta dos pés para sussurrar algo para o noivo.

– Meu senhor... vamos escapar e encontrar um lugar privado. O escritório ou o jardim de rosas.

O conde sorriu e balançou a cabeça, respondendo em um tom que mais ninguém conseguiria ouvir.

– É claro que não. Seu pai pode descobrir.

– Por acaso tem medo dele? – perguntou Lydia com um sorriso incrédulo.

– Tenho pavor – admitiu Wray. – Aliás, de todos os argumentos que Linley usou quando me aconselhou a não me casar com você, esse foi o mais difícil de refutar.

– O quê? – falou Lydia, encarando-o boquiaberta. – Qual Dr. Linley, o pai ou o filho?

– O filho – respondeu Wray com uma careta. – Maldição, eu não tinha a intenção de deixar isso escapar. Talvez você possa fazer a gentileza de ignorar essa última observação...

– Certamente que não!

Ela fechou a cara ao descobrir aquilo.

– Quando Linley o aconselhou a não me pedir em casamento e quais foram os motivos? Aquele idiota insuportável, eu gostaria de dizer a ele...

– Lydia, pare! – aconselhou Wray em voz baixa. – Alguém pode ouvir. Não foi nada, apenas uma breve conversa que tivemos antes de eu pedir sua mão a seu pai. Acabei comentando com Linley que ia pedi-la em casamento, e ele deu sua opinião.

– Uma opinião negativa, ao que parece.

Esforçando-se para controlar seu temperamento, Lydia sentiu o rubor tomar conta de seu rosto e pescoço.

– Quais foram as objeções?

– Não lembro.

A irritação claramente a sufocava.

– Lembra, sim. Ah, não seja cavalheiro uma vez na vida e me conte!

Wray balançou a cabeça e respondeu com firmeza.

– Eu não deveria ter sido tão descuidado com minhas palavras. Não importam quais sejam as objeções de Linley ou de ninguém. Estou decidido a torná-la minha esposa e ponto final.

– Decidido? – repetiu Lydia, fazendo uma careta engraçada.

Wray tocou seu cotovelo enluvado.

– Vamos nos juntar às pessoas – pediu ele. – Teremos todo o tempo do mundo para conversas em particular depois que nos casarmos.

– Mas milorde...

Ele a levou em direção ao grupo de amigos e todos seguiram conversando com tranquilidade. Para Lydia, entretanto, era impossível se concentrar na conversa. Em silêncio, ela fumegava, cada vez mais enraivecida. Mesmo antes, ela considerava Jake Linley o homem mais irritante que já havia conhecido. Como ele ousara tentar dissuadir o conde de se casar com ela? Ela se perguntou o que ele teria dito a Wray – sem dúvida, fizera com que ela parecesse um péssimo negócio.

Linley não fazia nada além de ridicularizar e irritar Lydia desde que se conheceram, havia quatro anos. Ela torcera o tornozelo em uma partida de tênis. Fora durante uma festa em um fim de semana na propriedade de um amigo, para a qual muitas famílias proeminentes de Herefordshire haviam sido convidadas. Depois que Lydia se machucara em uma jogada forte, seu irmão mais novo, Nicholas, a ajudara a ir mancando até a sombra de uma árvore frondosa.

– Acho que os Linleys estão aqui – dissera Nicholas, acomodando-a com cuidado sobre um pano estendido na grama aveludada ao lado dos restos do piquenique de que tinham desfrutado. – Fique sentada aqui enquanto eu vou buscar o médico.

O velho Dr. Linley era um homem gentil e confiável, que havia auxiliado no parto dos últimos dois filhos dos Cravens.

– Rápido – dissera Lydia, dando um sorriso sofrido ao ver três jovens ansiosos se aproximarem. – Estou prestes a ser cercada.

Nicholas sorriera também, de repente ficando igualzinho ao pai.

– Se algum deles tentar examinar seu tornozelo, pareça enjoada e ameace colocar o almoço para fora.

Enquanto o irmão corria colina acima até a casa principal, Lydia de fato se vira sob o cerco de pretendentes entusiasmados. Ela não podia fazer nada além de ficar ali sentada enquanto a multidão de homens a importunava, um deles servindo um copo d'água, outro pondo um pano úmido em sua testa, o terceiro com o braço em suas costas, para o caso de ela se sentir fraca.

– Estou ótima! – protestara ela, sufocada por tanta atenção. – Só torci o tornozelo. Não, Sr. Gilbert, não é preciso que veja... Por favor, todos vocês...

De repente os três jovens ardentes foram enxotados por uma enérgica voz masculina.

– Vão embora, todos vocês. Eu cuido da Srta. Craven.

Relutantes, todos deram meia-volta e saíram, e o recém-chegado se agachara diante de Lydia.

Ao fitar os olhos cinzentos com cílios escuros do estranho, Lydia chegara a esquecer a dor latejante em sua perna. Embora bem-vestido, o homem chegara um pouco desalinhado: a gravata solta demais, o casaco mal passado. Parecera ser cerca de dez anos mais velho do que ela, com um vigor masculino que Lydia considerara muito atraente. Às vezes, homens muito bonitos davam a impressão de ser um pouco fúteis, talvez até egocêntricos, por sua perfeição física. Mas ele era másculo, com traços audaciosos e cabelo grosso, da cor do trigo, bem curto na altura da nuca. Ele sorria para ela, e os dentes eram um clarão branco em seu rosto bronzeado.

– O senhor não é o Dr. Linley – constatara Lydia.

– Sou, sim.

Ele lhe estendera a mão, ainda sorrindo.

– Dr. Jake Linley. Meu pai me mandou em seu lugar, uma vez que está imerso em uma taça de vinho do Porto e não quis descer a colina.

Os dedos de Lydia foram mergulhados em um aperto firme que enviara uma sensação agradável por seu braço. Bom Deus, ela ouvira histórias sobre o belo e impetuoso filho mais velho do médico, mas nunca o conhecera.

– É o filho que tem má reputação – dissera.

Soltando sua mão, ele lhe lançara um olhar sorridente.

– Espero que não seja do tipo que usa a reputação de um homem contra ele.

– De maneira alguma – respondera Lydia. – Homens de má reputação costumam ser muito mais interessantes que os respeitáveis.

O olhar dele deslizara sobre ela em uma investigação rápida mas minuciosa, começando pelo cabelo preto ondulado e terminando nos dedos dos pés, que saíam da massa volumosa da saia branca de babados. Um canto de sua boca se levantara em um meio sorriso sedutor.

– Seu irmão disse que a senhorita machucou a perna. Posso dar uma olhada?

De repente, a boca de Lydia secara. Ela nunca tinha ficado tão nervosa com alguém antes. A cabeça se movera em um aceno quase imperceptível,

e ela ficara imóvel quando Jake Linley ergueu a barra de sua saia alguns centímetros. Ele assumira uma expressão bastante profissional, uma conduta impessoal, mas ainda assim ela sentira o coração bater forte. Enquanto olhava para a cabeça dele, com a luz do sol espalhando-se pelas folhas de bordo e fazendo com que o cabelo dele brilhasse em todos os tons do dourado ao âmbar escuro, as mãos grandes e gentis do homem se movimentaram por sua perna.

– Apenas uma leve torção – diagnosticara ele. – Eu a aconselho a repousar pelos próximos dois dias.

– Tudo bem – respondera ela, sem fôlego.

Ele pegara um guardanapo de linho na cesta de piquenique próxima e, com habilidade, imobilizara o tornozelo inchado.

– Minha maleta está na casa – murmurara. – Se a senhorita permitir que eu a carregue até lá, posso enfaixar seu tornozelo adequadamente e colocar um pouco de gelo... e lhe dar algo para a dor, se quiser.

Lydia aceitara a oferta com um brusco meneio de cabeça.

– Desculpe pelo incômodo.

Ela ofegara quando ele a levantou com cuidado e a apoiou no peito. Seu corpo era firme e musculoso, e ela se segurara nos ombros fortes.

– Não é incômodo algum – respondera ele, alegre, ajustando os braços ao redor dela. – Resgatar donzelas feridas é meu passatempo favorito.

Para o desgosto infinito de Lydia, aquele primeiro encontro com Jake Linley fizera surgir uma paixão selvagem que durara cerca de quatro horas. Mais tarde, no mesmo dia, ela acabara ouvindo por acaso um trecho de uma conversa entre ele e outro convidado da festa.

– Ora, Linley – comentara o convidado. – Agora vejo por que virou médico. Você conseguiu entrar embaixo da saia de todas as mulheres bonitas de Londres, inclusive a filha do Craven.

– Apenas para fins profissionais – fora a resposta sarcástica de Linley. – E eu lhe garanto que não tenho nenhum interesse na Srta. Craven.

O comentário magoara e humilhara Lydia, afastando suas ideias românticas com uma brusquidão desagradável. Daquele momento em diante, Lydia passara a tratar Linley com frieza sempre que se encontravam. Com o passar dos anos, a antipatia mútua aumentara a ponto de eles não poderem dividir o mesmo cômodo sem iniciar uma discussão que fazia com que todos corresse para se proteger. Lydia tentava ser indiferente, mas algo em Linley a provocava até as profundezas da alma. Quando estava com ele,

ela se via dizendo coisas que não queria dizer e ruminava seus encontros turbulentos até muito depois de se despedirem. Durante uma de suas batalhas, Linley lhe dera o irritante apelido de “Lydia Logaritmos”, que amigos e familiares ainda usavam de vez em quando para provocá-la.

E agora ele tinha tentado impedir seu noivado com Wray.

Magoada e furiosa, Lydia pensou mais uma vez na noite em que o noivado fora anunciado... no momento surpreendente em que Linley a beijara e na própria reação vergonhosa. Se a intenção dele era zombar de Lydia e deixá-la confusa, ele conseguira, com louvor.

Voltando a se concentrar nos acontecimentos recentes, Lydia decidiu que não suportaria mais um instante da conversa fútil que a rodeava. Ficou nas pontas dos pés e sussurrou para o noivo:

– Milorde, minha cabeça começou a doer. Preciso encontrar um lugar tranquilo para me sentar.

O conde olhou para ela com preocupação.

– Eu a acompanho.

– Não – respondeu ela, apressada. – Não há necessidade. Vou para um canto tranquilo. Prefiro que fique com nossos amigos. Eu volto assim que me sentir melhor.

– Tudo bem.

Um brilho provocador surgiu nos olhos azuis de Wray.

– Chego a desconfiar que minha querida Srta. Lydia Logaritmos vai se esconder para tentar resolver alguma fórmula matemática...

– Milorde! – protestou ela, fazendo cara feia por causa do apelido odioso. Ele riu.

– Perdão, minha querida. Eu não deveria provocá-la assim. Tem certeza de que não quer minha companhia?

– Sim, tenho.

Lydia deu um sorriso para mostrar que o desculpava e se foi, com a promessa de voltar logo.

Ao deixar o salão lotado, Lydia mal conseguiu conter o ímpeto de sair correndo. O ar estava denso com o aroma de flores, perfume, suor e vinho, e o murmúrio interminável das conversas fazia seus ouvidos zumbirem. Ela nunca desejara tanto ficar sozinha. Se ao menos conseguisse ir até seu quarto, onde teria privacidade... mas não havia como chegar lá sem passar por um corredor de pessoas que insistiriam em pará-la para uma conversa chata.

Ao avistar a mãe, que estava com as amigas perto das portas francesas que levavam aos jardins, Lydia foi até ela de imediato.

– Mamãe – chamou. – Está abafado aqui e minha cabeça está doendo. A senhora se importaria se eu sumisse por um tempinho?

Sara olhou para ela com preocupação e deslizou o braço esguio e enluvado por sua cintura.

– Você está um pouco corada. Devo pedir a um criado que pegue um remédio no armário da governanta?

– Não, obrigada.

Lydia sorriu enquanto a mãe tirava a luva e encostava a mão fria e macia na lateral de seu rosto.

– Estou bem, mamãe. Estou só... Ah, não sei. Cansada, eu acho.

Sara fitou a filha com um olhar compreensivo, notando sua frustração.

– Aconteceu alguma coisa, querida?

– Na verdade, não, mas...

Lydia puxou a mãe de lado.

– Lorde Wray acaba de me contar que Jake Linley o aconselhou a não se casar comigo – sussurrou ela para a mãe, com uma expressão irritada.

– Pode imaginar tamanha arrogância? Eu queria golpeá-lo com o objeto pesado mais próximo, aquele canalha insuportável, mesquinho, egoísta...

– Que argumento o Dr. Linley apresentou para sua objeção ao casamento?

– Não sei.

Lydia deu um suspiro sonoro.

– Com certeza Linley acha que sou inferior a Wray e que ele conseguiria alguém muito melhor do que eu.

– Hum, não me parece algo que ele diria.

Sara acariciou as costas de Lydia com delicadeza.

– Respire fundo, querida. Sim, isso. Ouça: não há motivo para ficar irritada com a opinião do Dr. Linley, uma vez que não parece ter tido efeito no desejo de lorde Wray de se casar com você.

– Bom, mas eu me irritei, *sim* – murmurou Lydia. – Aliás, fiquei com vontade de quebrar alguma coisa. Como Linley pôde fazer algo assim?

Para seu desgosto, ela ouviu um tom de tristeza na própria voz ao acrescentar:

– Nunca entendi por que ele me odeia tanto.

– Não acho que ele a odeie – respondeu Sara, apertando-a para consolá-la. – Na verdade, talvez eu saiba o motivo de ele ser contra o noivado. Sabe,

conversei com a mãe dele um dia desses, quando nos encontramos por acaso na chapelaria, e ela me confidenciou que ele...

Sara parou de falar ao perceber alguém se aproximando do salão.

– Ah, os Raifords chegaram! – exclamou. – A filha deles, Nicole, teve o segundo filho há apenas quinze dias. Preciso perguntar sobre ela. Conversamos depois, querida.

– Mas, mamãe, a senhora tem que me falar... – começou a dizer Lydia, porém a mãe já saíra em direção aos amigos.

A noite ficava cada vez mais irritante.

O que a mãe de Linley tinha dito sobre ele? Frustrada, Lydia foi até as portas francesas e saiu. Sem hesitar, ela se dirigiu ao único lugar onde sabia que ficaria sozinha: a adega.

Durante toda a infância, a adega fora seu refúgio favorito. Ela e os irmãos mais novos sempre foram fascinados pela grande sala subterrânea com três câmaras, cada uma delas com centenas de prateleiras de garrafas âmbar e verdes cobertas por rótulos estrangeiros. Tinha a fama de ser uma das melhores coleções da Inglaterra, abastecida com uma variedade extravagante de champanhes, conhaques, vinhos do Porto, da Borgonha, de Bordeaux, xerez e licores especiais e caros.

Na câmara mais distante, onde as garrafas eram abertas para que seu conteúdo fosse provado, havia um banco, um armário e uma mesinha. Lydia se lembrava de inúmeras brincadeiras em que ela e os irmãos eram piratas, espiões ou apenas se escondiam nas reentrâncias sombrias da adega. Às vezes ela se sentava à mesinha e resolvia alguns problemas matemáticos, saboreando o silêncio e a fragrância de madeira envelhecida, especiarias e cera.

Abriu uma pesada porta e desceu um pequeno lance de degraus de pedra. Lâmparas haviam sido deixadas acesas para facilitar as idas frequentes do criado à adega para buscar bebidas para os convidados. Depois da confusão lá em cima, o silêncio abençoado da adega era um alívio indescritível.

Lydia respirou fundo e começou a relaxar. Com um sorriso pesaroso, massageou a nuca tensa. Talvez estivesse finalmente experimentando o nervosismo nupcial, depois de ter passado dias preocupada por *não* senti-lo.

Uma voz baixa interrompeu a serenidade sombria da adega.

– Srta. Craven?

Lydia ergueu a cabeça, assustada, e olhou para o homem que menos queria ver. Na vida.

– Linley – disse ela em um tom sóbrio, deixando a mão cair junto ao corpo. – O que está fazendo aqui?

Ela sorriu.

– É claro.

Ele afastou o rosto, ao mesmo tempo sério e doce.

– E vai me deixar amá-la para sempre?

Ela o beijou.

– É claro.

CONHEÇA OS LIVROS DE LISA KLEYPAS

De repente uma noite de paixão

OS HATHAWAYS

Desejo à meia-noite

Sedução ao amanhecer

Tentação ao pôr do sol

Manhã de núpcias

Paixão ao entardecer

Casamento Hathaway (e-book)

AS QUATRO ESTAÇÕES DO AMOR

Segredos de uma noite de verão

Era uma vez no outono

Pecados no inverno

Escândalos na primavera

Uma noite inesquecível

OS RAVENELS

Um sedutor sem coração

Uma noiva para Winterborne

Um acordo pecaminoso

Um estranho irresistível

Uma herdeira apaixonada

Pelo amor de Cassandra

OS MISTÉRIOS DE BOW STREET

Cortesã por uma noite

Amante por uma tarde

Prometida por um dia

CONHEÇA OS LIVROS DE JULIA QUINN

OS BRIDGERTONS

O duque e eu
O visconde que me amava
Um perfeito cavalheiro
Os segredos de Colin Bridgerton
Para Sir Phillip, com amor
O conde enfeitado
Um beijo inesquecível
A caminho do altar
E viveram felizes para sempre

QUARTETO SMYTHE-SMITH

Simplesmente o paraíso
Uma noite como esta
A soma de todos os beijos
Os mistérios de sir Richard

AGENTES DA COROA

Como agarrar uma herdeira
Como se casar com um marquês

IRMÃS LYNDON

Mais lindo que a lua
Mais forte que o sol

OS ROKESBYS

Uma dama fora dos padrões
Um marido de faz de conta
Um cavalheiro a bordo
Uma noiva rebelde

TRILOGIA BEVELSTOKE

História de um grande amor
O que acontece em Londres
Dez coisas que eu amo em você

DAMAS REBELDES

Esplêndida – A história de Emma
Brilhante – A história de Belle
Indomável – A história de Henry

editoraarqueiro.com.br

